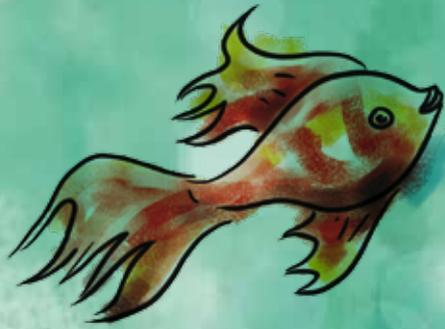


Categoria
II

Texto: João Silveira Santos
Ilustrações: Carlus Campos



As Pequenas Fabulosas Aventuras do Peixinho Alfa



MAISPAIC



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



Texto: João Silveira Santos
Ilustrações: Carlus Campos

As
Pequenas
Fabulosas
Aventuras do
Peixinho
Alfa



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Governador
Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário da Educação
Rogers Vasconcelos Mendes

Secretária-Executiva da Educação
Rita de Cássia Tavares Colares

*Coordenador de Cooperação
com os Municípios (COPEM)*
Márcio Pereira de Brito

Orientadora da Célula de Apoio à Gestão Municipal
Gilgleane Silva do Carmo

*Orientador da Célula
de Fortalecimento da Aprendizagem*
Idelson de Almeida Paiva Júnior

.....
*Coordenação Editorial,
Preparação de Originais e Revisão*
Raymundo Netto

Projeto e Coordenação Gráfica
Daniel Dias

Revisão Final
Marta Maria Braide Lima

Conselho Editorial
Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Sammya Santos Araújo
Antônio Élder Monteiro de Sales
Sandra Maria Silva Leite
Antônia Varele da Silva Gama

Catálogo e Normalização
Gabriela Alves Gomes

.....
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S231p Santos, João Silveira.

As pequenas fabulosas aventuras do peixinho Alfa / João Silveira Santos;
ilustrações de Carlus Campos. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

48p.; il.

ISBN 978-85-8171-184-3

1. Literatura infantojuvenil. I. Campus, Carlus. II. Título.

CDU 028.5





Apreendi que há muitas formas de se iniciar uma história. Mas esta, semelhante a tantas outras, começará como a sedutora e mágica “era uma vez...”. Assim, era uma vez um peixinho chamado Alfa. Ele pertencia a uma espécie de peixes com escuras listrinhas onduladas, muito finas, sobre largas listras amarelas, azuis e cor de prata. A casinha onde ele morava parecia uma grande maçã verde com uma porta bastante larga à frente e uma janelinha de cada lado. Bem no alto da casa, havia uma pequena chaminé, que diferente de qualquer chaminé, dela não saía fumaça. Havia nela, sim, um gracioso jarro de flores de onde nasciam e voavam muitas e muitas minúsculas borboletas marinhas.

Alfa tinha irmãos mais velhos: Tuna, Ravel e Eliz, ou melhor, a Elizabeta.

O caçula Alfa tinha um grande sonho em seu coração: conhecer o imenso oceano Atlântico, tal qual fez um dia o seu irmão Tuna.

Alfa perturbava muito o seu irmão, querendo ouvir dele as histórias de sua viagem, naquele imenso lugar de seres aquáticos bem diferentes, em espécie e tamanhos, de todos os que viviam no seu rio.

– Conta mais, conta mais! Pedia, alegremente, o curioso peixinho.

Mas os pais de Alfa, ali por perto, sempre lhe diziam:

– Alfa, você ainda tem que crescer muito se quiser conhecer esse lugar tão longe e desconhecido.



A família de Alfa morava num lindo rio de água muito límpida e bastante navegável. Ao percorrer aquele rio, era possível encontrar, a certa altura, uma exuberante ilha de onde se podia avistar o imenso oceano Atlântico. Estando naquela ilha, podia-se ver o rio se dividindo em dois rios mais ou menos estreitos. Havia ali também muitas árvores floridas e pássaros cantantes, além de animaizinhos que brincavam nas areias.

Mas, entre os animais, havia um que era temido: o jacaré!

O peixe xaréu, assim como o Sargo, costumava contar histórias para os apavorados peixinhos:

– Ele é muuuuito grande, muuuuito. Dizia o xaréu.

– E tem uma boca repleta de enormes dentes afiados, prontos para devorar todos aqueles que cruzarem o seu caminho. Completava o Sargo, estirando as bochechas para imitar o jacaré.

Por causa dessas histórias, quando o gigante Jacaré deixava a sua ilha para passear pelas cidadezinhas, no fundo do rio, muitos peixes e os outros seres evitavam sair de casa com medo de que fossem, por ele, atacados.

Alfa, quando sabia da passagem do jacaré, ao contrário, se encostava à janela. Dizia que aquilo ali era tudo “inventanças”. Na verdade, não conseguia ver maldade alguma nos habitantes do seu lindo rio.

Passaram-se vários meses. Era uma linda e ensolarada manhã de verão e, por isso, o céu estava maravilhosamente claro. Nesse clima de reluzente encanto, Alfa teve uma grande surpresa: ganhou de presente

a chance de viajar ao oceano Atlântico. Ele estava muito feliz. Nem podia acreditar. O sonho do jovem peixinho iria acontecer, finalmente.

Quando abraçava apertado os seus pais, ouviu deles:

– Lembre-se, meu filho, não se afaste muito da foz do nosso rio. E tenha cuidado com as correntes marinhas. Disse a atenta mãe.

– Fôlego, meu filho, fôlego! Tão lindo quanto o nosso rio, assim é o mar, porém, muito mais imenso e belíssimo. Vá encontrá-lo, mas cuidado. Alertou o pai.

Alfa despediu-se também dos irmãos e tomou o rumo da corrente, sob os olhares de corações apertados.



Animado, nosso pequeno aventureiro seguia os passos do rio e estava a caminho do mar, quando se viu, de repente, diante do gigante e temido jacaré.

Mesmo sem acreditar que ele era mau, vendo-o tão próximo e imenso, Alfa sentiu suas prateadas e brilhantes escamas se arrepiarem.

– Olá, peixinho, o que você faz por aqui? Perguntou o grandalhão Jacaré.



– Estou indo conhecer o Atlântico. Respondeu o peixinho Alfa, buscando não demonstrar que, naquele momento, sentia um pouquinho de medo.

– Puxa, você é um peixinho muito corajoso. Eu sempre quis conhecer o Atlântico, mas já estou meio velho e cansado, acho que não aguento mais uma viagem como essa...

E o jacaré se pôs a olhar na direção do mar, demoradamente, talvez até imaginando como seria fantástico e incrível viver a aventura de conhecer o imenso oceano. Depois, voltou-se para o peixinho:

– Me chamo Luc. Qual o seu nome, garoto?

– Eu sou Alfa.

– Você é uma corajosa e boa criatura, Alfa. Vamos. Eu acompanharei você até a foz do rio.

Agarrado às costas de Luc, Alfa cruzou mais rápido o caminho das águas frias do rio. Chegando lá na foz, se despediram. O jacaré estava emocionado e disse-lhe:

– Acredito que meus netinhos também ficarão muito alegres em conhecer as suas histórias quando você voltar. Até logo, meu caríssimo Alfa.

O peixinho ficou muito feliz com aquele encontro cativante e com as sinceras palavras de encorajamento vindas do novo amigo. O grandalhão mais temido seria agora o mais querido daquela ilhazinha.

Como a maré já estava bastante alta, não custou muito e logo o peixinho conheceu a força das ondas que surgiam, trazendo o sabor salgado do mar. Ele era capaz de ver as águas do rio, dando doces mergulhos entre as espumadas e brancas ondas marinhas.

Muito esperto que era o jovem peixinho ficou aguardando o momento certo de saltar na melhor onda. Contudo, num piscar de olhos, ele foi jogado bruscamente para a praia por uma onda muito forte e inesperada. E estava ali aquele pequenino peixe, meio atordoado, buscando, sem muito sucesso, rastejar-se até o mar. Já um tanto sufocado pela falta de oxigênio, e sob o sol forte da manhã, ele forçosamente movimentava suas prateadas nadadeiras, tentando alcançar as espumadas ondas que vinham até a praia. Nesse instante, foi apanhado por Luc, que decidira acompanhar seu amigo mais um pouquinho:

– Imaginei que poderia ter surpresas, Alfa. Aliás, a cada novo dia, viajando por esse grandioso oceano, deverá ter muitas.

– Sim... Puxa, não é brincadeira...

Alfa se agarrou à cauda do jacaré e, com ele, navegou até as primeiras ondas, as mais fortes. Após atravessá-las, se despediu finalmente de Luc e deslizou numa bela onda, mergulhando no lendário oceano Atlântico.



Mal havia ingressado no mar, o peixinho Alfa passou a sentir um leve ardor em seus olhos. Parou por um instante. Fechou e abriu os seus olhos acostumados com a água doce do seu belo rio. Foi aí que algo lhe ocorreu: um som invadiu os seus ouvidos. Aos poucos, esse som ficava mais forte, mais forte... “Seria o som do mar, das ondas?” Não. Era o som do seu coração, sendo embalado pelas maravilhas daquela fabulosa aventura.

Então, ele abriu bem aberto os seus olhos e seguiu com muito mais emoção. Cruzava as algas, os peixes com todas as suas diferenças de cores, tamanhos e modos de nadar, tudo belamente desenhado pela natureza marinha.



Já estava bem longe, quando deu conta de que era tudo muito grande, muito mais do que ele imaginava, muito mais do que tudo o que ele já tinha visto ou ouvido contar.

O Atlântico era mesmo um oceano fabuloso – assim como o rio onde o peixinho Alfa morava, porém, muito mais imenso e muito mais surpreendente. E aquele fantástico mundo, tão cheio de vidas e de cores, parecia esconder grandes mistérios.

Um as trilhas, como se fossem ruas, circundavam as montanhas pequeninas no fundo do oceano. Após nadar por uns minutos, Alfa chegou a um vilarejo onde os habitantes pareciam não falar o seu idioma.

Na verdade, os seus ouvidos não estavam acostumados com aqueles sotaques, mas, aos poucos, foi se percebendo entendedor das palavras marítimas que soavam, cada vez mais, familiares. Passou a observar os cidadãos daquele lugar: um siri que o cumprimentou com muita educação e com todas as patas. Depois, um camarão vestido com um apertado paletó xadrez, apressado para pegar a nave-concha. E outros mais, cada um com sua graça.



Mas, entre todos, o mais interessante foi o peixe-palhaço, muito famoso no oceano Atlântico e no teatro.

O peixe-palhaço, por falar muito rápido e “muuuito”, também era chamado de peixe-tagarela. Parecia ter um milhão de livros dentro de sua cabeça e um milhão de histórias para contar. Além disso, ele contava as mais engraçadíssimas piadas e sempre tinha uma opinião a respeito dos mais variados assuntos que desejassem conversar com ele.

O peixinho Alfa, que era de certa forma bastante tímido, se sentia muito alegre em estar na companhia do peixe-palhaço.

Sentado na calçada de uma colônia, Alfa soube que o peixe-palhaço teve uma crise no dia de seu aniversário. Não queria mais fazer ninguém rir. Cansou de palhaçadas.

– Eu achava que não queria mais fazer ninguém rir. Não queria nem contar piadas. Achava que não tinha nascido para ser palhaço.

– Mas antes de ser palhaço, você não é peixe?

O peixe-palhaço, com essa pergunta, até riu:

– Sim, pequeno Alfa. Sou peixe com muito orgulho. Mas foi aí que eu vi diante de mim o oceano. Preste atenção: o peixe-pedra não nasceu para ser palhaço. O tubarão-lixo que ajuda a limpar a carapaça da tartaruga Margarida, não nasceu para ser tigre. Agora, veja o tubarão-martelo que ajuda a fazer a casa do peixe-papagaio, ele não nasceu para ser cavalo-marinho. E mesmo assim e sendo assim, todos estão felizes.

Uma lágrima seguia a corrente marinha quando o peixe-palhaço levantou-se, abriu as barbatanas e gritou:

– Eu nasci para dar alegria aos animais, peixes e humanos. Sou um peixe-palhaço, ora!

O peixe-palhaço morava numa casinha que mais parecia uma televisão, daquelas bem antigas, com duas antenas muito finas, apontando para o céu.

– Não repare, garoto, sou um humilde peixe-palhaço, às vezes meio andarilho, às vezes meio de casa. Estou onde a felicidade me procura. Hoje estou me dedicando mais às aulas de música e teatro com os peixes mais novos aqui da minha cidade. Mas, acredite, já naveguei os sete mares e sempre gostei de pintar o sete, e até o oito, com a peixarada daqui do meu pedaço de mar.

– Você também é músico? Perguntou, admirado, o peixinho Alfa.

– Componho umas rimas, invento melodias e faço os peixinhos soltarem a voz. Já criei até um coral só com peixes-pedras e águas-vivas.

– Puxa, eu quero ver e conhecer muitas coisas. Quero contar tudinho quando voltar para o meu rio. Disse o Alfa, bastante entusiasmado, com tudo o que estava vivendo.

– E terá muitíssimas histórias. Com certeza, meu caro peixinho.

– Ah, gostei muitíssimo!

O peixinho Alfa, sem perceber, já estava entrando na onda do novo amigo, quase sempre exagerado em seu falar e que gostava de usar “íssimo/íssima” no final de quase todas as palavras que ele pronunciava.

– Temos também muitos corais, muitas florestas e o maior sítio de objetos misteriosos de todo o oceano, fica aqui em nossa cidade, sabia? Perguntou o anfitrião. – Acredita que outro dia uns seres estranhíssimos, disfarçados de peixe, pretendiam explorar o nosso sítio? Pois é. Mas conseguimos expulsá-los de lá.



Os objetos misteriosos para os peixes, na verdade, eram coisas bem comuns do mundo dos humanos, como: os restos de uma bicicleta, um rádio, um computador, uma poltrona, carrinhos de madeira, bolinhas de gude, alguns ioiôs; uma miniatura do Pinóquio, em forma de marionete; um trenzinho sem trilhos, uma espada de samurai; um escudo de bronze numa caixa de vidro; um baú tombado, esparramando muitos livros pelo chão marinho, entre os quais poderíamos encontrar a capa do romance “Dom Quixote de La Mancha” e muitos outros objetos.

O irreverente e divertido peixe-palhaço convidou o peixinho Alfa para conhecer também um lugar que era o cartão-postal do seu pequeno universo no fundo mar: um aquarelado submarino, cheio de pequeninas escotilhas que há décadas pousou ali, no topo de uma imponente colina marinha.

À noite, as estrelas do mar transformavam aquele submarino num atraente e iluminado objeto, deixando-o ainda mais misterioso.

Alfa não resistiu e pôs seu olho de peixe no telescópio, enquanto o peixe-palhaço assobiava uma canção.

No final daquela tarde, o peixe-palhaço teve que ir animar uma festa para os alunos de uma escola marinha. Apesar do convite insistente do amigo, Alfa não quis acompanhá-lo à festa e resolveu seguir sozinho, em sua caminhada de aventura, pelo oceano.

Ele então embarcou numa nave-concha em direção às montanhas marinhas que cercavam a aconchegante cidade do peixe-palhaço. Mal havia chegado ao seu destino, em meio às montanhas que guardavam um adormecido navio cargueiro repleto de contêineres, se viu surpreendido por dois peixes de caras arredondadas e olhos esbugalhados, como se estivessem furiosos de raiva. Foi uma cena jamais vista: os dois peixes disputavam entre si um pedaço de comida que havia sido jogado de um veleiro que passava, lá em cima, na superfície do mar.

A partir de então, outras cenas surgiriam: um tubarão-tigre, mostrando suas afiadas garras, tentava assustar um cavalo-marinho. O caranguejo-ermitão parecia estar com medo de sair da carapaça, ao ver um peixe-dragão que buscava, sem sucesso, cuspir fogo em direção a um atrevido caranguejo de patas azuis.

Por causa desses seres marinhos de comportamento estranho, Alfa não quis se aproximar de uma multidão de peixes que fazia palhaçadas, ao mesmo tempo, em que zombavam de um sirizinho com cara de martelo. Sentou-se numa rocha:

– Ô, seu peixe engraçadinho, por que veio me acordar? Disse a rocha, ou melhor, o peixe-pedra no qual Alfa acabara de se encostar:

– Perdoe-me, seu peixe, foi sem querer! Desculpou-se, um tanto envergonhado, e logo correu para trás de um esverdeado pneu bem ao lado: “Tomara que essa coisa não seja mais um peixe adormecido”. Pensou.



Um grupo de arraias, com caras de morcego, passava quando um peixe-trombeta gritou do alto da ponta de um navio encalhado:

– Venham, venham! É por aqui!

Do outro lado, uma sardinha, toda faceira, tentava se equilibrar num salto altíssimo.

Passados alguns minutos, mas, sem conseguir entender tudo aquilo, peixinho Alfa foi surpreendido por um golfinho, usando um tapa-olho e chapéu de pirata, a perguntar:

– Você está perdido?



– Ocê tá perdido? Repetiu um peixe vestido de papagaio sobre o ombro do golfinho.

Alfa, assustado, meteu caudas e nadadeiras na carreira, com medo da dupla esquisita.

Já longe, decidiu voltar para a cidade do amigo peixe-palhaço. Ainda trazendo as imagens na cabeça, Alfa encontrou uma tartaruga com uma mala na mão. Ela lhe perguntou:

– Olá, lindo peixinhozinho, você sabe onde fica a cidade do navio adormecido?

– Sei, dona tartaruga, mas aconselho a senhora que, assim, sozinha, não vá para lá.

– Mas, por quê?

– Porque lá é muito perigoso. Tem pirata golfinho, tubarões com cara de tigre, arraias assustadoras, um peixe carregando uma espada afiadíssima e muitas outras criaturas mal-encaradas.

Para a surpresa do peixinho, a tartaruga deu uma estrondosa e longa gargalhada, tão forte que quase a deixou rouca:

– Perdão, lindinho, acho que exagerei.

– S-s-sem problema, dona... Disse o peixinho, que quase saiu em disparada por causa daquela escandalosa gargalhada.

– Gostei de você, mas acho que, quanto aos seres esquisitos que você viu, não precisa se preocupar. Parece-me que eles conseguiram se disfarçar muito bem! Veja...

A tartaruga abriu a sua malinha e dentro dela havia uma fantasia de astronauta:

– Veja, criança, você acabou de sair de uma grande festa à fantasia no meio do Atlântico. E eu é que não vou perder essa festa!

Aliviado, Alfa despediu-se da tartaruga astronauta. Jamais havia imaginado que poderia encontrar no meio daquele oceano um lugar com seres tão esquisitos, alegres e engraçados.

Mais tarde, ao reencontrar o amigo peixe-palhaço, o nosso peixinho aventureiro foi conhecer outros novos lugares, entre eles, a iluminadíssima cidade dos ouriços.

Ainda distante, os dois amigos avistaram uma multidão de peixes e outros seres marinhos no centro daquela charmosa cidade. Eles ficaram muito curiosos e

queriam saber o que ocorria ali. “Tomara que seja uma festa”, imaginou o peixe-palhaço:

– Pula, pula, pula, hei! Nada, nada, nada! Vamos, peixinho, não podemos perder tempo! Glub-glub-glub... É festa, é festa, é festa! Vamos lá, peixinho!!! Uhuuuuu! Pula, pula, pula, hei!... Cantava assim o peixe-palhaço, animadíssimo, quando, ainda de longe, reconheceu o velho amigo ouriço, mas tomou o cuidado de não abraçá-lo, pois seu corpo é tomado de espinhos.

– Amigo Felício, o ouriço mais inteligentíssimo desse vastíssimo oceano sem fim! Quanto tempo, não é amigo? Quais as novidades?



Naquela pequena cidade, no fundo mar, Felício vivia feliz com sua família. Grande admirador das estrelas que enchiam o céu, para além da superfície do oceano. Ele passou a alimentar o sonho de conhecê-las, bem de pertinho, e, quem sabe, tocá-las e sentir o seu magnífico brilho.

Às vezes, Felício até subia à superfície e olhava o céu encontrando-se harmonioso com o mar ao longe. Ele, no entanto, tinha dois irmãos, Marisco e Felícia, que gostavam de música, de histórias de aventura e viviam falando para o irmão que queriam viajar por lugares fantásticos e distantes.

Após Felício falar de seus planos e dançarem por algumas horas, o peixe-palhaço e Alfa se despediram em busca de novos caminhos.

E foi cruzando os mares atlânticos que o peixe-palhaço confidenciou:

– Como você sabe, conheço muitos lugares aqui no oceano onde moro, mas tenho um grande desejo: conhecer o continente. Me disseram que é um lugar repleto de lindas paisagens e de muitas belezas.

– Parece interessante. Mas, não fica muito longe daqui? Perguntou o peixinho.



– Fica ao sul. Duas ou três marés de distância, talvez. Precisaremos chegar à enseada Atlântica. Dizem que é de lá a melhor visão do continente. Disse o peixe-palhaço. E perguntou:

– Você não gostaria de mais essa aventura antes de voltar para o seu rio, pequeno?

Peixinho Alfa pensou um pouco e aceitou, mas sabia que não poderia passar muito tempo nesse lugar, pois poderia ficar doente e até mesmo morrer fora do seu ambiente natural.

Na manhã seguinte, enquanto realizavam a travessia, o peixe-palhaço buscava contar histórias divertidas para distrair o peixinho Alfa, que estava meio receoso dos perigos daquela viagem:

– Você conhece a historinha do sapo que não gostava de tomar banho?

– Sim. Você já me contou.

– E a da princesa ouriça que perdeu sua coroa de vidro?

– Você também contou essa.

– Você achou bonita?

– A história?

– Não, a ouriça... E a historinha do sapo Toró?

– Essa você ainda não contou.

– Pois bem. O sapo Toró tinha uma prima que não gostava de cantar, mas quando era noite ela dizia: quá, quá, quá. Ele também tinha um amigo que era apaixonado por violão, mas ele só sabia tocar uma única música que dizia: drão, drão, drão...Tem também a história da borboleta sem cor...

E muitas outras histórias maravilhosas foram contadas pelo falador peixe-palhaço.

Durante a viagem, peixinho Alfa e seu amigo se perderam ao atravessar uma floresta marinha onde havia grandes árvores e escuros corais.

Quando os dois chegaram à praia, já era noite. Eles estavam numa linda enseada com muitas árvores à margem. A lua enchia a praia com sua suave e brilhante luz. De lá, era possível ver as luzes de uma cidade com gigantescos prédios e ouvir o barulho de máquinas ao longe. Os vaga-lumes saltavam de galho em galho, iluminando as folhas das plantas bem diferentes das que havia no fundo do rio ou mesmo do oceano.

Os dois amigos se puseram a olhar para os lados, buscando alguma criatura que pudesse guiá-los por aquela praia.

Quando o peixinho Alfa se preparava para perguntar se havia alguém ali, uma grande coruja surgiu num voo muito discreto e pousou num galho de árvore bem baixinha. O peixe-palhaço tomou um susto tão grande que ele quase não pôde retomar a sua voz.

Alfa, mesmo estranhando aqueles olhos tão grandes e iluminados, perguntou:



– A senhora mora aqui?

– Eu moro um pouco distante, rapazinho, mas é nesse lugar que trabalho de vigia com meu amigo morcego. E vocês? Nunca os vi por aqui. O que procuram?

– Estamos, podemos assim dizer, de férias! Disse o peixe-palhaço. – E meu mui amicíssimo Alfa e eu viemos conhecer o continente.

– Um dia apenas, infelizmente. Disse o peixinho Alfa. – E resolvemos dar um passeio por esse lugar. Dizem que há por aqui muitas maravilhas, é verdade?

– Ah, bom... Maravilhas? Sim. Mas aqui já foi mais bonito. Vejam aquelas nuvens. Conseguem vê-las?

– Sim. Responderam os amigos peixes.

– Pois é. Não são nuvens. São fumaças que saem daquelas torres escondendo as estrelas. O céu também já não é tão azul, visto de onde estamos. Aqui na floresta, há algum tempo, havia grandes árvores sobre as quais podíamos viver, brincar e trabalhar com mais tranquilidade. Hoje já não há. Muitos amigos tiveram que fugir daqui, em busca de lugares mais agradáveis e tranquilos.

– Gostei de você, dona...

– Pode me chamar de Joaquina. E qual o nome de vocês?

– Meu nome é Alfa e o meu amigo é um peixe-palhaço.

– Coruja Joaquina... que nome engraçado... Estranhou o peixe.

– Vindo de um peixe-palhaço, deve ser mesmo bem engraçado...

– Sim, mas entre o “peixe” e o “palhaço” existe um tracinho que é para ficar mais elegante.

Joaquina aproximou-se de Alfa e cochichou-lhe ao ouvido:

– Acho que Netuno, com seu tridente, deve ter acertado a cabeça do seu amigo. Ele é sempre assim? Esse seu mui espalhafatoso amicíssimo peixe parece ter engolido uma matraca. Ou então tomou chá de chocalho rouco.

– Ah, não liga. Disse o peixinho soltando palavras quase mudas por entre os pequeninos dentes. – Às vezes ele não mede as palavras e acaba falando asneiras. É o seu jeitão: um velho peixinho palhaço feliz.

A coruja, em seguida, convidou os dois amigos para que conhecessem onde moravam os morcegos.

– Vejam, amigos, é ali onde moram os morcegos, naquela caverna.

– São muitos! E aquelas luzes? Perguntou o peixe-palhaço admirado com aqueles incríveis seres.

– São pirilampos, uns amigos nossos que conquistamos, consequência desse trabalho noturno aqui na floresta.

– Eles parecem estrelas. Eles estão brincando? Que objeto é aquele?



– Ah, caro peixinho, aquilo é um carrossel. Quase sempre os pirilampos e os morcegos se encontram para se divertirem a bordo desse mágico objeto.

– Uma engrenagem dessas, certa vez, caiu bem próxima da minha cidade. Mas lá a gente chama essa parafernália, cheia de cavalos marinhos que não se movem, de disco voador estelar. Revelou o peixe-palhaço.

– Mas o seu verdadeiro nome é carrossel. Disse a coruja.

– Você nunca é convidada para brincar no carrossel? Perguntou Alfa.

– Sim. Mas não gosto muito. Gosto mesmo é de ficar observando, de longe, a festa que todos fazem. Confirmou a coruja já um tanto sonolenta e bocejando.

– Dona Joaquina, você está com sono? Perguntou o peixinho.

– Um pouco. É que já está amanhecendo, não é?

– Acho, então, que temos que ir. Disse o peixe-palhaço. – Não podemos passar muito tempo fora do nosso ambiente.

E os dois aventureiros, após se despedirem da amiga coruja, deram um espetacular salto olímpico

no meio daquela enseada e foram-se embora, ainda muito admirados com os pirilampos que pareciam belas estrelas verdes, luzindo a caverna e o carrossel.

Pois então chegou a hora de Alfa voltar para casa. Os dois amigos teriam que se despedir.

“Meio que sem jeito”, os dois estavam caladões, aproveitando os últimos momentos da companhia amiga. O peixe-palhaço sorriu e deu um abraço muito forte no peixinho e disse que “muitíssimo” breve o visitaria em seu rio.

Alfa sorriu. Não sei se acreditou na promessa ou achou se tratar de uma piada, mas de uma coisa ambos sabiam: teriam saudades um do outro.

Foi quando Alfa foi-se embora sem mais nada dizer.

O peixe-palhaço, não é novidade, seguiu em sua cidade, fazendo muitas outras palhaçadas e contando novas histórias inspiradas nas aventuras vividas na companhia do seu grande amicíssimo Alfa.

– Tio peixe-palhaço, o senhor pode nos contar a história da dona Coruja Joaquina?

– Ah, queridos sobrinhos, já contei tantas vezes... Eu não posso contar a história do crocodilo? Você não

faz ideia do quanto o meu mui amicíssimo Alfa ficou encantado com esta história. Tem também a história da nave dos irmãos ouriço... com um novo final, é claro!

No rio, a alegria da família e dos vizinhos foi grande em receber o peixinho Alfa de volta para casa. Havia demorado muito mais do que esperavam e perceberam, rapidamente, o quanto o menino havia crescido.

Em casa, à noite, Alfa dormiu muito cansado e sonhou com as maravilhosas e coloridas lembranças de saudade, alegria e festa.



Mas no outro dia, pela manhã, ainda muito cedo, acordou com dores no estômago. Sua mãe, muito preocupada, resolveu levá-lo ao médico.

Chegando ao hospital mais próximo, com sua família, peixinho Alfa foi logo atendido.

– Bom dia! O que os trazem aqui? Disse um médico golfinho muito atencioso.

– Doutor, o meu filho acordou com fortes dores no estômago e não sei como cuidar dele. Disse a preocupada mãe.

O médico pediu para que Alfa se deitasse numa cama ao lado para que pudesse examiná-lo mais detalhadamente. Examinou seus olhos e depois pediu para que ele abrisse a boca e mostrasse a língua.

– Diga glub-glub três vezes. Ordenou o médico, encostando um aparelho na altura do pulmão do peixinho para ouvir sua respiração.

Depois de muito examiná-lo, o médico concluiu que as dores de estômago do peixinho Alfa eram causadas apenas por questões emocionais.

– Você teve alguma emoção muito forte por esses dias? Perguntou.

O peixinho Alfa ia dizer a verdade, mas olhando para a cara ansiosa dos pais, preferiu deixar para contar quando chegassem à sua casa, afinal, eles ainda não sabiam que ele havia ido muito além da fronteira do rio onde morava.

– Então, mamãe, dê a ele apenas um chá de algas-santa e nada de sair para longe, hein? Repouso pelo resto do dia.

Naquele fim de tarde, o sol se despedia enchendo o rio de dourados raios. De repente, uma fagulha cruzou as nuvens e mergulhou na boca da noite e o céu inundou-se de lindas estrelas!

E sob aquele céu mágico estava o peixinho Alfa, em frente à sua casa, partilhando para a um grupo de amigos um pouco do que havia descoberto quando de sua viagem ao oceano Atlântico.

– Era uma vez um engraçadíssimo e espalhafatoso peixe que amava fazer seus amigos rirem. Ele vivia numa fantástica cidadezinha, no meio do oceano, e contou para mim esta historinha inspirada numa fantástica viagem realizada por uma dupla de irmãos ouriços:

Havia um ouriço, chamado Felício, que morava feliz lá no fundo do mar. Ele alimentava um grande

sonho: fazer um passeio lá pelo alto céu. Sempre que possível, ele nas ondas subia e olhava o céu com sua belíssima lua. De longe, ele avistava as estrelas luzindo e, voando alegre, saltava no mar.

Ele tinha um irmão chamado Marisco que gostava de música e de grandes aventuras por lugares fantásticos e distantes.



Certa vez Felício e Marisco traçaram um plano: queriam um veículo para chegar até o céu. “É preciso uma nave veloz e segura”, diziam, “que possa nos proteger dos perigos do mar”. Então, depois de muito trabalharem, conseguiram construir uma linda nave-marinha. Porém, muitos de seus amigos, que não acreditavam no projeto dos irmãos ouriços, acharam linda aquela nave e com eles quiseram embarcar.

Estavam todos então ao redor da nave, quando, de repente, chegou uma estrela-do-mar que disse: “Eu posso ir com vocês? Pois quando for noite, eu posso iluminar.” Depois veio um pepino do mar que apelou: “Sou bem pequenino. Irei em qualquer pequeno lugar.”



E o sonho que era um segredo, muito de repente se espalhou. Logo chegaram os amigos, vizinhos e um grande sorteio foi realizado. Convocaram um polvo escrivão e ele anotou o nome de todos os amigos. Pouco a pouco a hora foi chegando e foram chamados 4 sortudos: que venha o pepino chamado Pepe, a estrela chamada Estela, o peixinho chamado Zinho, o tubarão chamado Dão.

Os seis amigos iniciaram a aventura. Quanto mais eles navegavam, mais longa a viagem se fazia e, do vasto céu, mais longe pareciam estar. Assim, depois de muitas desventuras, numa tarde para casa eles voltaram. Mas todos tiveram uma grande surpresa e, naquele dia, foi uma só tristeza no fundo do mar, pois aquela nave tão bela e formosa não pôde ir ao céu por não poder voar.

Contava a história, quando ouviu sua mãe o chamar para jantar. Precisava ir.

– Ah, conte-nos mais! Pediu uma peixinha curiosa que nem ele e que também adorava as histórias de aventuras.

– Meus amigos, por hoje é só, depois eu contarei outras belas histórias dessa dupla de inventores-aventureiros, e do meu amigo peixe-palhaço também, é claro!

– Ahhhhhhhh!!! Suspiraram os amigos que queriam saber mais sobre as histórias vividas pelo peixinho.



E assim, durante dias e noites, naquele rio, pequenos peixes e outros seres se reuniam para ouvir as incríveis histórias das pequenas e fabulosas aventuras do peixinho Alfa, no imenso e desconhecido Atlântico, um oceano de tantas, tantas belezas que parecia não ter fim.

“Era uma vez...”



João Silveira Santos

Olá, leitor(a), sou João Silveira Santos, professor de Língua Portuguesa. Desde a infância moro em Paracuru, onde o mar é lindo. Minhas leituras e paixão pelo mar é que me inspiraram escrever esta história. Foi, para mim, uma imensa alegria escrevê-la! Assim, desejo que ela possa proporcionar a você um delicioso momento de leitura.



Carlus Campos

Sou artista plástico e ilustrador. Iniciei minha carreira em 1987, no jornal O POVO de Fortaleza. Ao longo da minha carreira illustrei importantes publicações nacionais como revistas e livros infantis. Na minha produção, abordo diversas linguagens como: pintura, desenho, infogravura e posteriormente a xilogravura. Fui premiado no Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Brasília e Rio Grande do Sul. Participei de diversas exposições em Fortaleza. Desenhar é sempre reencontrar a poesia que está dentro da gente.



Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



O Governo do Estado do Ceará desenvolve, com os seus 184 municípios, o Programa de Aprendizagem na Idade Certa – MAIS PAIC, com o compromisso de garantir e elevar a qualidade e os resultados da educação de suas crianças e seus jovens.

Publicada pela Secretaria da Educação do Estado, através do MAIS PAIC, a Coleção Paic, Prosa e Poesia, rica em identidade cultural, reúne narrativas de autores do Ceará que tiveram seus textos selecionados por meio de seleção pública. Esse acervo constitui um estímulo a mais para se ler e contar histórias em sala de aula, garantindo, assim, um letramento competente.

ISBN 978-85-8171-184-3



9 788581 711843